
A encarnação de Cristo: mistério e modelo da missão

ADENILTON TAVARES DE AGUIAR¹

WAGNER KUHN²

As Escrituras do Antigo Testamento apontam para Cristo, e o Novo Testamento apresenta-o como seu personagem principal. Por essa razão, o propósito de uma teologia bíblica é articular a unidade do cânon bíblico centrado na pessoa de Jesus Cristo. Este artigo está dividido em três partes: 1) prenúncios da encarnação: princípios para a missão, onde são analisados alguns exemplos da interação do Cristo pé-encarnado com alguns personagens bíblicos, seu engajamento com a missão de salvar a humanidade caída, bem como a comissão que delega a alguns indivíduos; 2) tipos do Cristo pé-encarnado e sua missão. Nessa seção, analisaremos alguns exemplos de pessoas que “encarnaram” em sua vida características do Cristo encarnado; e 3) a encarnação no Novo Testamento e a Missão de Jesus, onde destacaremos dois aspectos importantes da atividade missionária de Cristo, isto é, serviço e discipulado.

Palavras-chaves: Encarnação; Modelo de missão; Tipologia.

Old Testament Scriptures point to Christ, and the New Testament presents him as his main character. Therefore, the purpose of a biblical theology is to articulate the unity of the biblical canon centered on the person of Jesus Christ. This article is divided into three parts: 1) foreshadowing of the Incarnation: principles for the mission, which analyzes some

.....
¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica do Pernambuco — UNICAP. Graduado em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia e em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: adeniltonaguiar@gmail.com.

² Doutor em PhD pela Fuller Theological Seminary. Mestrado em Teologia pela Andrews University. Graduado em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo — UNASP. E-mail: kuhn@andrews.edu.

examples of the interaction of the pre-incarnate Christ with some biblical characters, their engagement with the mission to save fallen humanity, as well as commission delegating some individuals; 2) types of pre-incarnate Christ and his mission. In this section we will look at some examples of people who “incarnated” in your life characteristics of the incarnate Christ; and 3) the incarnation of the New Testament and the mission of Jesus, where we highlight two important aspects of missionary activity of Christ, so, service and discipleship.

Keywords: Incarnation; Mission model; Typology.

Introdução

As Escrituras do Antigo Testamento apontam para Cristo (Lc 24:27; Jo 5:39; Mt 12:39-40; At 28:23), e o Novo Testamento apresenta-o como seu personagem principal (Hb 1:1-2; Mt 1:1; Mc 1:1; Jo 1:1, 14; Ap 1:1). Por essa razão, “o propósito de uma teologia bíblica é articular a unidade do cânon bíblico centrado na pessoa de Jesus Cristo” (GAGE, 2010, p. 22). Um dos ensinamentos fundamentais das Escrituras diz respeito à encarnação do Filho de Deus, a qual, embora esteja além da compreensão humana, encerra lições muito importantes para que sejam relegadas ao esquecimento. Desse modo, este artigo tem como objetivo analisar alguns aspectos da encarnação de Jesus, observando alguns princípios missiológicos neles expressos.

O texto está dividido em três partes: 1) prenúncios da encarnação: princípios para a missão, onde são analisados alguns exemplos da interação do Cristo pré-encarnado com alguns personagens bíblicos, seu engajamento com a missão de salvar a humanidade caída, bem como a comissão que delega a alguns indivíduos; 2) tipos do Cristo pré-encarnado e sua missão. Nessa seção, analisaremos alguns exemplos de pessoas que “encarnaram” em sua vida características do Cristo encarnado; e 3) a encarnação no Novo Testamento e a Missão de Jesus, onde destacaremos dois aspectos importantes da atividade missionária de Cristo, i.e., serviço e discipulado.

Prenúncios da encarnação: princípios para a missão

Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento expressam claramente o desejo de Deus de se aproximar do ser humano. A entrada do pecado no mundo provocou um distanciamento que jamais fora planejado por Deus, mas também não o pegou de



surpresa. Gênesis 1 e 2 apresentam um mundo perfeito, no qual nossos primeiros pais podiam conversar livremente com o Criador (Gn 2:15-17).

Ao dirigir a narrativa para a queda do homem, Moisés introduz a serpente como o personagem responsável pela mudança de um ambiente amistoso para um cenário hostil, em que o medo e o senso de culpa se tornaram a ordem do dia (Gn 3:1-10).

Gênesis 3:9 é o primeiro lugar nas Escrituras em que vemos a iniciativa divina de se aproximar da raça caída. A pergunta: “Onde estás?” deve ser compreendida de maneira retórica, um recurso amplamente usado na poesia hebraica (por exemplo Is 33:18; 36:19; Sl 42:4, 11; WENHAM, 2002a, v. 1, p. 77). Nesse sentido, Deus não pergunta a Adão: “Onde estás?” porque sintia necessidade de obter informação, mas para despertar a consciência do casal, a fim de que eles mesmos percebessem o *lugar* onde estavam, e sua condição atual como resultado da desobediência (KISSLING, 2004, p. 199).

A ideia não é que Adão e Eva se perderam do conhecimento de Deus, mas da comunhão com Ele. Pela primeira vez na narrativa bíblica, o Bom Pastor vem buscar a ovelha perdida (LANGE et al., 2008, p. 231). Prenúncios da encarnação podem ser claramente percebidos na sequência do relato: “Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?” (Gn 3:1). Conforme expressa o *Comentário Bíblico Adventista*,

Aqui, o Senhor deixa de se dirigir à serpente literal, que falou com Eva, e passa a pronunciar juízo sobre a antiga serpente, o diabo. Esse juízo, expresso em linguagem profética, tem sido compreendido pela igreja cristã como uma predição da vinda do Libertador (NICHOL, 1978, v. 1, p. 232).

A vinda do Libertador é ratificada pelo próprio estabelecimento do sistema de sacrifícios (Gn 3:21; NICHOL, 1978, v. 1, p. 235), cujos elementos se tornaram para o pecador um lembrete constante de que um plano para erradicar o pecado havia sido formulado. Conforme Keil e Delitzsch (2002, v. 1, p. 64, grifo nosso) declaram,

Se então a promessa culmina em Cristo, o fato de que a vitória sobre a serpente é prometida à posteridade da mulher, e não do homem, alcança profundo significado, como foi através da mulher que a astúcia do diabo trouxe pecado e morte ao mundo, é também através da mulher que a graça de Deus dará à raça humana perdida a vitória sobre o pecado, a morte e o diabo. [...] O destruidor da serpente nasceu de uma mulher (sem um pai humano).

Desse modo, a missão da igreja está predita nessa passagem de Gênesis 3:15: ser o canal através do qual a graça de Deus deve fluir para a toda a humanidade. Possivelmente, encontramos em Apocalipse 12:13, que menciona a perseguição do dragão à “mulher que dera à luz o filho varão”, uma alusão a Gênesis 3:15 (PAULIEN, 2004; STEFANOVIC, 2009, p. 386; JOHNSON, 2014, p. 19). Conforme declara Stefanovic³ (2009, p. 386), “uma mulher é frequentemente usada como símbolo do povo de Deus tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Além disso, a figura de Israel como uma mulher em dores de parto aparece com frequência no Antigo Testamento”. Deus esperava que seu povo escolhido fosse uma bênção para todos os povos da terra (Gn 12:2-3; 26:4; 28:14; Gl 3:8-9), através do Cristo encarnado que dele descenderia.

O Anjo do Senhor

12

Entre os prenúncios da encarnação no Antigo Testamento, a expressão “Anjo do Senhor” afigura-se como uma evidência do desejo de Deus de estar sempre perto de seu povo. O termo “anjo” (*angelos*, em grego; e *mal'āk*, em hebraico) significa mensageiro. No Antigo Testamento, “esse anjo tem um encargo especial de ajudar e guiar Israel ou indivíduos israelitas. [...] Às vezes Ele é tão intimamente identificado com Deus como se fossem quase indistinguíveis. Ele é Deus, por assim dizer, entrando numa percepção humana” (KITTEL et al., p. 13).

Porém, se o Anjo do Senhor é seu mensageiro, então deve ser distinto do Senhor. Todavia, em algumas passagens, ele também é chamado de “Deus” ou “Senhor”. Norman Gulley declara que esse Anjo do Senhor é “o Cristo pré-encarnado. O relacionamento desse anjo com as pessoas no Antigo Testamento (AT) se pode comparar ao de Cristo com as pessoas no Novo Testamento (NT), evidenciando que o Cristo do AT é o mesmo do NT, de modo que não se justifica a distinção entre o Deus do AT e o do NT” (GULLEY, 2006, p. 80 — 97).

Em Gênesis 22, após observar que Abraão estava disposto mesmo a sacrificar seu filho Isaque, o Anjo do Senhor fornece um carneiro para holocausto como substituto de Isaque (v. 13), e, em face da fidelidade de Abraão, repete a comissão que lhe fora confiada (Gn 22:17a-18; comparar com Gn 12:2-3). O princípio expresso no texto é que por meio da semente de Abraão, todos os povos da Terra seriam abençoados. Na abertura do Evangelho de Mateus (1:1), Jesus é identificado como filho de Davi e filho de Abraão, demonstrando que o Messias é, ao mesmo tempo,

.....

³ Ver Is. 54:5 — 6; Jer. 3:20; Ez. 16:8 — 14; Os. 1 — 3; Am 5:2; 2 Co. 11:2; Ef. 5:25 — 32, e Is. 26:17 — 18; 66:7 — 9; Jr. 4:31; Mq. 4:10.



descendente da casa real, mas também da promessa abraâmica. Portanto, não havia outra forma de Abraão abençoar todos os povos da Terra, senão através do Messias, que viria de sua linhagem. Nesse sentido, abençoar os povos da Terra é levar-lhes Jesus e a mensagem de seu sacrifício (Gn 22:13, 18; comparar com Gl 3:8-9).

Em Gênesis 16:7-13, o Anjo do Senhor aparece a Hagar, e conforta o seu coração ao não apenas garantir sua subsistência e a de seu filho (NICHOL, 1978a, v. 1, p. 318), mas deixando-lhe a promessa de que sua descendência seria multiplicada. A escrava fugitiva sai desse encontro com a consciência de que esteve na presença do próprio Deus: “Então, ela invocou o nome do Senhor, que lhe falava: Tu és Deus que vê; pois disse ela: Não olhei eu neste lugar para Aquele que me vê?” (Gn 16:13), e com o coração repleto da graça do Cristo pré-encarnado. O seu testemunho para outros ficou gravado a partir do nome atribuído ao poço que serviu como lugar de encontro: Beer-Laai-Roi (v. 14). Conforme Wenham menciona, “como o nome de Ismael, esse nome fica como uma permanente recordação do cuidado misericordioso de Deus. ‘Poço daquele que me vê’” (WENHAM, 2002b, v. 2, p. 11).

Em Números 22, o Anjo do Senhor aparece a Balaão e lhe ordena: “Tornou o Anjo do Senhor a Balaão: Vai-te com estes homens; mas somente aquilo que Eu te disser, isso falarás. Assim, Balaão se foi com os príncipes de Balaque” (Nm 22:35). No verso 38, Balaão responde a Balaque: “Eis-me perante ti; acaso, poderei eu, agora, falar alguma coisa? A palavra que Deus puser na minha boca, essa falarei” (Nm 22:38).

Outras vezes, é mencionado que Balaão deveria dizer o que o Anjo do Senhor lhe dissesse (Nm 23:5, 12, 16, 26). O profeta, portanto, deveria ser o porta-voz do Cristo pré-encarnado, e proferir uma bênção sobre o povo, a despeito das expectativas contrárias do profeta de Israel. Em seu primeiro oráculo, tomado pelo Espírito de profecia, ele apresenta a seguinte questão: “Como posso amaldiçoar a quem Deus não amaldiçoou? Como posso denunciar a quem o Senhor não denunciou?” (Nm 23:8). Em Números 24:9, encontramos reminiscências da bênção proferida sobre Abraão (ver Gn 12:3). Assim como na experiência de Abraão, as nações são abençoadas pela vinda do Messias, nos oráculos de Balaão a promessa messiânica irrompe com a mesma força:

Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto;
uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro
que ferirá as têmeoras de Moabe e destruirá todos os filhos
de Sete. Edom será uma possessão; Seir, seus inimigos,
também será uma possessão; mas Israel fará proezas. De Jacó



sairá o dominador e exterminará os que restam das cidades (Nm 24:17-19) (WALVOORD; ZUCK, 1983, v. 1, p. 245)⁴.

Embora haja um reconhecimento geral de que, em primeira instância, a profecia se cumpre em Davi (SIMEON; CLAUDE, 1855, v. 2, p. 158; MILGROM, 1990, p. 206), muitos eruditos têm visto nas afirmações desse oráculo uma predição messiânica, cujo cumprimento transcende o nascimento do Messias em Belém, assumindo, portanto, repercussões cósmicas, que culminam com o estabelecimento do reino eterno de Deus, por ocasião da segunda vinda de Cristo (ver NICHOL, 1978, v. 1, p. 912).

Em Juízes 13, o Anjo do Senhor aparece à esposa de Manoá, que era estéril, e lhe faz a promessa de que ela teria um filho (v. 2, 9). Ela chamou o marido, e ambos ouviram as instruções do ser celestial (v. 10-18). Após observarem o anjo subir para o Céu na chama que saiu do altar, Manoá resume a experiência nas seguintes palavras: “Certamente, morreremos, porque vimos a Deus” (v. 22). Novamente, o Cristo pré-encarnado se manifesta para o seu povo, desta vez para anunciar o nascimento de um libertador, que livraria a nação das mãos do opressor povo filisteu. Algo semelhante acontece em Juízes 6 e Êxodo 3. No primeiro caso, o Anjo do Senhor comissiona Gideão para liderar a libertação do povo de Israel da mão dos midianitas (6:1-2); e, no segundo, o Anjo do Senhor encoraja Moisés a retornar ao Egito (Êx 3:1 — 4:16), a fim de libertar o povo das mãos de Faraó.

Todos esses exemplos mostram que, já no Antigo Testamento, o Cristo pré-encarnado havia comissionado pessoas para serem instrumentos de libertação e canais de transmissão da sua graça, não somente para a nação de Israel, mas para todos os povos *por meio de* seu povo escolhido.

Outros prenúncios

Em Josué 5:13-15, o Cristo pré-encarnado se manifesta sob as vestes do “Príncipe do exército do Senhor”. Os detalhes do relato e a exortação feita a Josué (Js 5:15) não deixam dúvidas sobre a identidade do Ser misterioso (ver NICHOL, 1978, v. 2, p. 195). O capítulo 6, que é uma continuação da narrativa de 5:13-15 (NICHOL, 1978b, v. 2, p. 195), apresenta a conquista de Jericó e o resgate de Raabe e sua família

.....

⁴ Walvoord e Zuck (1983a) afirmam que “esta cidade é provavelmente Sela, capital de Edom, conhecida como Petra. O cumprimento dessas profecias sobre Moabe e Edom já ocorreram em alguns aspectos (ver 1Rs 11:15-18), mas elas ainda têm sobretons proféticos. Moabe e Edon ainda devem sofrer o julgamento do Rei de Israel, Jesus Cristo (ver Is 15-16; 21:11-12; Jr 48; 49:7-11; Ob 15-18, 21)”.



por sua ação de colaborar com os espias, o que manifestou sua fé no Deus de Israel. O verso 25 menciona que não apenas Josué poupou a vida de Raabe e de sua família, mas ela passou a viver no meio de Israel. Conforme Butler declara, “Raabe ficou ao lado de Josué como exemplo da bênção de Deus sobre uma pessoa obediente, não importa a origem racial” (BUTLER, 2002, v. 7, p. 72). Por meio de Israel, o Príncipe do exército do Senhor levou salvação a uma prostituta. De fato,

A primeira lição que aprendemos dessa porção da narrativa é salvação pela fé. Se Raabe não tivesse crido em Deus, ela não teria salvado os espias; e se ela não tivesse salvado os espias, ela mesma não teria sido salva. Temos a autoridade de Tiago (2:25) para citar essa passagem como um exemplo da conexão entre fé e obras (SPENCE; EXELL, 2004, p. 108).

Sua ação de fé permitiu que, na providência divina, ela entrasse na árvore genealógica do Messias, ao lado de nomes como Abraão, Isaque e Jacó (Mt 1:2), e como ancestral de Davi (Mt 1:4-5). Desse modo, todas as famílias da Terra foram abençoadas por meio da semente de Abraão (Gn 12:2-3; 26:4; 28:14; Gl 3:8), mas também pelo útero de Raabe (Mt 1:5-16).

Outro prenúncio da encarnação pode ser identificado em Gênesis 28:10-15, no relato do sonho da escada de Jacó, através da qual anjos de Deus subiam e desciam (v. 12), indicando uma contínua relação entre o Céu e a Terra. Jesus usou essa imagem para referir-se a si mesmo como ponte de contato entre Deus e os homens, o meio através do qual as bênçãos do Céu fluiriam para a humanidade, e o transporte que levaria as mais intensas orações até o trono de Deus, mas também traria as mais doces consolações (Jo 1:51)⁵ (ver ROBERTSON, 1932, v. 5; 1933, v. 6; BEASLEY-MURRAY, 2002, v. 36, p. 28).

Mais tarde, no embate travado com o misterioso homem no vau de Jaboque, Jacó afirmou: “Não te deixarei ir se me não abençoares” (Gn 32:26). A súplica de Jacó é fruto da consciência do caráter divino do Ser que lutava consigo. A teofania se torna clara na resposta do homem misterioso: “Como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste” (Gn 32:28b). Apesar de o relato introduzir que Jacó havia lutado com um homem, sua impressão é de que havia visto Deus face a face (v. 30). Em ambos os casos, o Cristo pré-encarnado se manifestou a Jacó como o caminho de acesso às bênçãos do céu. Ele é a escada por meio da qual os anjos de Deus desceram até Jacó (Gn 32:1-2).

.....

⁵ Embora haja uma compreensão por parte dos eruditos em geral de que com a expressão “vereis o céu aberto” Jesus esteja fazendo referência imediata ao episódio de seu batismo.

Essas duas histórias estão intrinsecamente interligadas em Oseias 12:3a-4, quando o profeta utiliza três episódios relacionados à vida de Jacó como metáforas para a atual experiência de Judá e Israel (ver BOICE, 2002, p. 94). A afirmação de que “em sua força lutou com Deus” é claramente uma referência “à luta de Jacó com o anjo de Deus em Peniel” (STUART, 2002, v. 31, p. 191). Quanto à declaração “em Betel o encontrou”, embora inicialmente deva ser compreendida como uma referência ao encontro de Gênesis 35 (STUART, 2002, v. 31, p. 191), é razoável supor que, em seu estilo poético, Oseias também esteja fazendo alusão à visão da escada celestial (Gn 28:19; GARRETT, 1997, v. 19A, p. 237), em que o Cristo pré-encarnado repete a promessa feita a Abraão e Isaque (Gn 12:3; 26:4; 28:14).

Outro episódio envolvendo Abraão diz respeito à visita dos três mensageiros celestiais para notificar a subversão das ímpias cidades de Sodoma e Gomorra (Gn 18). Eles são identificados inicialmente como “três homens”, os quais Abraão viu em pé na sua frente (Gn 18:2). Comentando Gênesis 18:22, Ellen G. White (2007, p. 139) afirma que “dois dos mensageiros celestes partiram, deixando Abraão só com aquele que agora soube ser o Filho de Deus”. O próprio Jesus, sob uma roupagem humana, veio até Abraão para lhe revelar a intenção de destruir as ímpias cidades, mas também para ouvir sua petição de intercessão por elas. Em outros momentos, porém, Jesus vestiu as roupas da humanidade para proteger seus servos em perigo, a exemplo dos três amigos de Daniel, lançados na fornalha ardente (ver Dn 3:25; comparar com 12:1). Tipicamente, a tradição cristã tem identificado a expressão “como o filho de Deus” como uma referência a Cristo (STEFANOVIC, Z., 2007, p. 135), que, para usar as palavras de Jamieson (et al., 1997) concede aqui um prelúdio de sua encarnação (ver Dn 3:25).

A intenção de Deus de se aproximar do povo se torna absolutamente clara pela própria ordem para que Moisés construísse um tabernáculo no deserto (Êx 25:8). Todo o serviço do santuário apontava para Cristo e sua obra. Seguindo essa lógica, João menciona que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1:14). O termo traduzido por “habitou” (ἐσκήνωσεν/*eskēnōsen*) é da mesma raiz da palavra σκηνή/*skēnē*, traduzida como tabernáculo (At 7:24; Hb 9:2, 3; 13:10; Ap 21:3). Beasley-Murray (2002, v. 36) destaca que esse termo possui as mesmas consoantes da palavra *Shekinah*. Para ele, esta é uma forma de evocar a manifestação da glória de Deus em alguns eventos registrados no Êxodo, culminando com o tabernáculo no deserto. Ele acrescenta que “as associações com o Êxodo são intencionais, e fazem parte do tema da revelação e redenção do Logos-Cristo como cumprimento da esperança de um segundo Êxodo” (BEASLEY-MURRAY, 2002, v. 36, p. 14). Desse modo, o tabernáculo erigido por Moisés era uma antecipação e prognóstico da libertação escatológica que Deus concederia ao seu povo por meio da obra de Cristo.



A mensagem de um Messias vindouro e sua obra de redenção foi transmitida repetidamente e de várias maneiras por meio dos profetas (Hb 1:1). Não apenas Jesus é o tema do Antigo Testamento (ver Lc 24:27; Jo 5:39; Mt 12:39-30), Ele é a voz de Deus que se comunica com os profetas (1Co 10:4). Assim, “historicamente, Cristo foi o líder de Israel, e não apenas durante as vagueações no deserto, mas ao longo de toda a história humana como uma nação. De fato, todos os procedimentos de Deus com a humanidade caída foram através de Cristo” (NICHOL, 1978f, v. 6, p. 741). Conforme Richard Davidson menciona, “Cristo, aqui, é apresentado como o ponto final de orientação dos tipos do AT e seus cumprimentos no NT” (DAVIDSON, 2009, p. 131).

Uma vez que tudo apontava para Cristo, os escritores e profetas do Antigo Testamento regularmente adotaram uma atitude “encarnacional” ao lidar com o povo, como verdadeiros missionários para a nação.

Tipos do Cristo encarnado e sua missão

Andreas Köstenberger e Peter O’Brien declaram que “desde o primeiro vislumbre do evangelho em Gênesis 3:15 até o fim dos tempos, [...] a missão é necessária em virtude da queda da humanidade e sua necessidade de um Salvador, e é possível apenas pela iniciativa salvadora de Deus em Cristo” (apud CORWIN *et al.*, 2004, p. 30).

Desse modo, conforme Arthur F. Glasser (2003, p. 17) afirma, “toda a Bíblia [...] é um livro missionário, a revelação do propósito, ação e missão de Deus na história humana”. Nesse sentido, Deus é o maior missionário descrito na Bíblia, o qual, por meio de Cristo, empreendeu uma missão de resgate da humanidade caída. Diversos personagens do Antigo Testamento são apresentados no Novo Testamento como *tipos*⁶ de Cristo e sua missão, desenvolvendo em suas vidas o que podemos chamar de atributos da encarnação (ver DAVIDSON, 2009, p. 121; DEDEREN 2001, v. 12, p. 83-84). Por assim dizer, eles “encarnaram” os interesses que Jesus manifestou por seus filhos desde os prenúncios de sua encarnação até o seu ministério de três anos e meio na Terra, bem como seu ministério no santuário celestial. A lista de nomes analisados nesta seção não

.....
⁶ Conforme a análise de Richard Davidson (2009), “as características básicas da tipologia bíblica emergem da Escritura em passagens onde os escritores do NT explicitamente estão trabalhando sua interpretação do AT com a palavra *thypos*, “tipo”, ou o cumprimento no NT como *anthytipos*, “antítipo” (ver Rm 5:14; 1Co 10:6, 11; Hb 8:5; 9:24; 1Pe 3:21). Tipologia pode ser definida como o estudo de pessoas, eventos, ou instituições na história da salvação as quais Deus especificamente designou para preditivamente prefigurar seu cumprimento escatológico antitípico em Cristo e as realidades do evangelho realizadas por Cristo”.

é exaustiva, mas representativa de uma lista que pode se tornar maior. A razão por que muitas personalidades, eventos e instituições são necessários para representar a Cristo pode ser resumida nas palavras de Kenneth E. Trent (2010): “uma única pessoa ou coisa não poderia apropriada e completamente simbolizar nosso Redentor”.

Adão

Em Romanos 5:14, Paulo declara que Adão é “a figura (*thypos*) daquele que havia de vir (Rm 5:14, ACF)”. Conforme nos adverte Richard Davidson (2009, p. 129), a correspondência entre o tipo e o antítipo “pode envolver aspectos de antítese como de comparação”. Ao estabelecer uma comparação entre Adão e Cristo, Paulo demonstra que a obra de Jesus é uma reversão dos efeitos do pecado cometido por Adão (ver 1Co 15:22, 45). Assim como “Cristo iniciou a nova raça, a raça dos redimidos, assim também Adão foi o líder da antiga raça, a raça dos pecadores” (MORRIS, 1988, p. 234).

Desse modo, ambos se tornaram representantes de toda a humanidade. O primeiro, da humanidade caída; o segundo, da humanidade restaurada. Em todo caso, como representante da humanidade caída, Adão gerou um filho à sua imagem e semelhança (Gn 5:3), a quem pos o nome de Sete, que, por sua vez, gerou um filho, cujo nome era Enos. Moisés informa que “daí se começou a invocar o nome do Senhor” (Gn 4:26). Com uma fraseologia que relembra a criação do homem (Gn 1:26), Moisés chama a atenção para o fato de que “a imagem de Deus em Adão então se reproduziu em Sete, filho de Adão” (WALVOORD; ZUCK, 1983, v. 1, p. 35; WENHAM, 2002a, v. 1, p. 127). Uma nova linhagem foi iniciada, assim como Cristo também iniciou uma nova linhagem através de sua morte e ressurreição, e nos chama para que, na sua força, façamos o mesmo (Mt 28:18-20).

Noé

Em 1 Pedro 3:18-22, a Bíblia apresenta o livramento de Noé e sua família do dilúvio como um tipo para o batismo⁷ (DAVIDSON, 1981, p. 316). Richard Davidson destaca que “o apóstolo assegura os leitores de que, como Noé e sua família experimentaram divina salvação através das águas, assim também o batismo antitípico agora nos salva através da ressurreição de Jesus” (DAVIDSON, 2009, p. 132). A história do dilúvio é uma história da graça de Deus. A Bíblia menciona que “Noé achou graça diante do Senhor” (Gn 6:8), e que pregou para uma geração cuja “imaginação dos pensamentos de seu coração era má continuamente” (Gn 6:5; comparar com 2Pe 2:5).

.....

⁷ Há um consenso geral entre os eruditos bíblicos de que essa passagem traz uma interpretação tipológica da história do dilúvio.



Como um tipo de Cristo, Noé incorporou uma característica evidente de seu ministério: o serviço. Muitos comentaristas sugerem que os 120 anos mencionados em Gênesis 6:3 representam um tempo de graça antes do dilúvio (ver WENHAM, 2002a, v. 1, p. 142). Se essa interpretação estiver correta, então esse deve ter sido o tempo de pregação de Noé, proclamando uma mensagem de arrependimento. Josefo (*Antiguidades judaicas* i.3.1, 72-74) menciona que, segundo a tradição Judaica, Noé teria tentado persuadir seus contemporâneos a mudar de vida (NICHOL, 1978, v. 7, p. 605), em um ministério marcado por um serviço incansável, fiel e fervoroso.

Abraão

Diversos princípios norteadores da missão podem ser apreendidos a partir da vida de Abraão. Em Gênesis 12:2-3, encontramos a ideia de que ele foi abençoado para abençoar outras pessoas. Seu chamado tinha como objetivo ser um benefício não apenas para ele e sua família, mas, sobretudo, para toda a humanidade. Ao partir para uma terra desconhecida (Gn 12:1, 4), Abraão demonstrou fé naquele que o comissionou. Ellen G. White (2007, p. 81, grifo nosso) comenta seu desprendimento nas seguintes palavras:

Não fora uma pequena prova aquela a que foi assim submetido Abraão, nem pequeno o sacrifício que dele se exigira [...]. Ele, porém, não hesitou em obedecer ao chamado. Não teve perguntas a fazer concernentes à terra da promessa - se o solo era fértil, e o clima saudável, se o território oferecia um ambiente agradável, e proporcionaria oportunidades para se acumularem riquezas [...]. Muitos ainda são provados como o foi Abraão [...]. *Pode ser-lhes exigido abandonarem uma carreira* que promete riqueza e honra, deixarem associações agradáveis e proveitosas, e separarem-se dos parentes, *para entrarem naquilo que parece ser apenas uma senda de abnegação, dificuldades e sacrifícios* [...]. Quem está pronto, ao chamado da Providência, para renunciar planos acariciados e relações familiares? Quem aceitará novos deveres e entrará em campos não experimentados, fazendo a obra de Deus com um coração firme e voluntário [...]? *Aquele que deseja fazer isto tem a fé de Abraão, e com ele partilhará daquele “peso eterno de glória mui excelente”* (II Cor. 4:17), com o qual “as aflições deste tempo presente não são para comparar”.

Em Gálatas 3:8, Paulo aponta a promessa feita a Abraão, em Gênesis 12, como uma prefiguração do evangelho (CORWIN et al., 2004, p. 31). Seguindo essa linha de

raciocínio, ele argumenta que a Escritura já previa a justificação dos gentios. Tal fato se tornou possível por meio de Jesus Cristo, através de quem a bênção de Abraão se tornaria acessível a todos os povos (Gl 3:14,16). Sua fé firme permitiu que “ele fosse chamado de Amigo de Deus” (Tg 2:23), mas também lhe deu a perspectiva correta em relação a seus deveres para com os homens.

Em Gênesis 14:11-16, nós o encontramos em intensa luta a fim de libertar seu sobrinho Ló das mãos de quatro reis que se uniram em aliança para tomar Sodoma, Gomorra e mais três cidades. Conforme declara Ellen G. White, (2007, p. 135) “Viu-se que a justiça não é covardia, e que a religião de Abraão tornava-o corajoso ao manter o direito e defender os oprimidos”. Para Tiago, esta é uma das evidências da regeneração, e o sinal de que o crente vive segundo a sabedoria do alto, com maturidade e piedade (ver AGUIAR, 2014, p. 63-99; 109-159).

Arthur Glasser (2003, p. 62-64) destaca cinco princípios que sustentaram a missão de Abraão: 1) A missão através da conquista: porém, foi a ação de Deus, e não a habilidade militar de Abraão que lhe concedeu a vitória; 2) O encontro de Abraão com Melquisedeque: “Quando os servos de Deus estão em missão, eles precisam estar alerta à possibilidade de encontrar ‘as pessoas-Melquisedeque’. Pessoas como Melquisedeque podem adorar o mesmo Deus de Abraão, Isaque e Jacó, embora nunca tenham ouvido o nome de Jesus Cristo”; 3) Missão e oração: Abraão se colocou entre Deus e o povo; 4) Abraão partiu para compartilhar o conhecimento de Deus com outras pessoas (Gn 12:4); 5) O testemunho de Abraão atraiu pessoas para Deus.

A fidelidade de Isaque, o filho da promessa, é uma prova do sucesso de Abraão no processo de discipulado. A propósito, a vida de Isaque também está repleta de lições com profundos significados missiológicos, os quais vislumbram alguns eventos relacionados à vida de Cristo. Porém, nada é mais marcante do que seu ato de entrega (Gn 22:6-10). Ele se submete ao sacrifício, em absoluta resignação, no monte Moriá. O mesmo que Cristo faria mais tarde, no monte do Calvário. Ele “é retratado como a encarnação do papel do servo. Nós o vemos como a vítima silenciosa [...], como o filho paciente [...], [e] como o fervente intercessor [...] (25:21)”. Certamente, “todos esses fatores delineiam para nós o papel de serviço que Deus gostaria que seu povo adotasse em nossos dias” (GLASSER, 2003, p. 65).

Finalmente, a insistente intercessão de Abraão pelos habitantes de Sodoma (Gn 18) demonstra sua profunda compaixão por seus semelhantes, e se apresenta como uma das diversas características que, por assim dizer, ele “encarnou” do próprio ministério do Cristo pré-encarnado. Somente à luz do ministério de Jesus é que a vida e ministério de Abraão e seus descendentes podem ser realmente compreendidos. Afinal, em vez de tentar entender a realidade pelas sombras, deveríamos entender as sombras pela realidade (GAGE, 2010, p. 24).



José

Montague Mills (1999), destaca que o objetivo da narrativa bíblica de José é mostrar que não apenas Deus preparou o cenário para a salvação física da nação eleita, mas também beneficiar o mundo inteiro. Para ele, a história de José traça um paralelo marcante com a história de Jesus (MILLS, 1999). De fato, assim como Abraão, José foi abençoado para abençoar outras pessoas. A vida de José ilustra a de Jesus de diversas maneiras. Ele “encarnou” de tal maneira o ministério de Jesus em sua própria vida, que os paralelos entre ambos se tornam perfeitamente visíveis:

Foi a inveja que moveu os irmãos de José a vendê-lo como escravo. [...] Semelhantemente os sacerdotes e anciãos judeus estavam invejosos de Cristo, receando que deles atraísse a atenção do povo. Mataram-no para impedir que se tornasse rei, mas estiveram desta maneira a efetuar este mesmo resultado. José, mediante seu cativeiro no Egito, tornou-se um salvador para a família de seu pai; contudo, este fato não diminuiu a culpa de seu irmãos. Semelhantemente, a crucificação de Cristo, pelos seus inimigos, dele fez o Redentor da humanidade, o Salvador de uma raça decaída, e Governante do mundo inteiro; mas o crime de seus assassinos foi precisamente tão hediondo como se a mão providencial de Deus não houvesse dirigido os acontecimentos para sua glória e o bem do homem. Assim como José foi vendido aos gentios por seus próprios irmãos, foi Cristo vendido aos piores de seus inimigos por um de seus discípulos. José foi acusado falsamente e lançado na prisão por causa de sua virtude; assim Cristo foi desprezado e rejeitado porque sua vida justa, abnegada, era uma repreensão ao pecado; e, embora *não tivesse a culpa de falta alguma, foi condenado pelo depoimento de testemunhas falsas. E a paciência e humildade de José sob a injustiça e a opressão, seu perdão pronto e a nobre benevolência para com seus irmãos desnaturados, representam o resignado sofrimento do Salvador, pela malícia e maus-tratos de homens ímpios, e seu perdão não somente aos seus assassinos, mas a todos que a Ele têm vindo confessando seus pecados e buscando perdão* (WHITE, 2007, p. 166-167).

Em Gênesis 49:19, José pergunta a seus irmãos: “Acaso estou eu em lugar de Deus?” A resposta a essa pergunta é: “sim”. Em certo sentido, ele *salvou* seus irmãos, seu pai, seu

povo, o Egito, o mundo inteiro. Em Gênesis 50:21, suas palavras de encorajamento a seus irmãos: “Agora, pois, *não temais*. Eu vos *sustentarei*, a vós e a vossos filhos”, assemelham-se às palavras de Deus em Isaías 41:10: “*Não temas*, pois Eu sou contigo; não te assombres, pois Eu sou teu Deus. Eu te *fortalecerei* e te *ajudarei*; Eu te *sustentarei* com a destra da minha justiça”. Em Gn 49:21, a Bíblia nos informa que José “os consolou, e lhes falou ao coração”, da mesma forma como Deus consola os seus filhos.

Moisés

Diversos eventos da vida de Moisés formam paralelos com a vida de Jesus. Por ocasião de seu nascimento, Faraó ordenou que os filhos dos Hebreus fossem mortos, deixando viver apenas as meninas (Êx 1:16, 22). Por ocasião do nascimento de Jesus, o rei Herodes mandou matar todos os meninos de Belém e de seus arredores, da idade de dois anos para baixo (Mt 2:16). Moisés precisou fugir por causa da perseguição de Faraó (Êx 2:15). Os pais de Jesus precisaram fugir com ele em face da perseguição de Herodes (Mt 2:14). Após a morte de Faraó, o Senhor apareceu a Moisés, e lhe informou que todos os que procuravam tirar sua vida estavam mortos (Êx 4:19). Após a morte de Herodes, um anjo apareceu a José, e lhe informou que estavam mortos todos os que tentavam tirar a vida do menino Jesus (Mt 2:19-20). Moisés retornou ao Egito (Êx 4:20). José tomou o menino e sua mãe, e retornaram a Israel (Mt 2:21). Moisés escolheu doze homens, e os enviou para espiar a terra de Canaã, e mudou o nome de um deles de Oseias para Josué (Nm 13:1-16). Jesus escolheu doze homens, e os enviou para uma missão especial, e mudou o nome de um deles de Simão para Pedro (Mt 10; 16:17-18). Moisés subiu ao monte Sinai a fim de receber a lei de Deus e transmiti-la ao povo (Êx 19:20). Jesus subiu a um monte para falar de Sua lei, e apresentá-la na perspectiva correta (Mt 5 — 7). Quando Moisés desceu do monte com as tábuas do testemunho, seu rosto brilhava (Êx 34:29). Em um alto monte, o rosto de Jesus brilhou diante de Pedro, Tiago e João, e suas vestes se tornaram brancas como a luz (Mt 17:1-2). No sermão da montanha, os ensinamentos de Cristo são postos em paralelo com a lei de Moisés em uma série de declarações (Mt 5:21, 27, 31,33, 38, 43; ver Lc 6:27-35). Essas questões nos ajudam a perceber que o Novo Testamento retrata Jesus como um novo e maior Moisés.

Para Richard Davidson(1981), um exemplo disto pode ser encontrado no evangelho de João (1:21; 6:14), em que o evangelista anuncia que Jesus é o Moisés antítipo, reportando-se a Deuteronomio 18:15-19, que prediz que o Messias seria um novo Moisés (DEDEREN, 2001, v. 12, p. 83). Em Hebreus 3:1-6, um paralelo claro é traçado entre Moisés e Jesus, sendo que o conceito de superioridade do antítipo em relação ao tipo coloca Jesus como maior do que Moisés.

Como um tipo de Cristo, Moisés “encarnou” diversas características que relembram a atividade ministerial de Jesus. Em Êxodo 32:32, sua intercessão pelo povo



é levada ao Céu por meio de uma tocante oração. Ele tinha consciência da gravidade do pecado, e reconhece: “Ora, o povo cometeu grande pecado, fazendo para si deuses de ouro” (Êx 32:31). Porém, seu constante amor pelo povo o tornou disposto mesmo a sacrificar a própria vida: “Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste” (Êx 32:32). Moisés agiu como mediador entre Deus e o povo (Êx 19:17,21; Dt 5:5, 27-28; Gl 3:19), e sua mediação, bem como disposição para morrer, fazem dele um tipo de Cristo, “encarnando” em sua própria vida características do Salvador da humanidade. Dentre essas características, destaca-se ainda o processo de discipulado empreendido por Moisés, a fim de preparar pessoas para a missão (Nm 13:2-6). Josué é fruto desse processo (Dt 31:7-8).

Josué

Para Warren Gage (2010, p. 34), “talvez não haja figura do Antigo Testamento mais tipológica de Jesus do que Josué”. Os paralelos entre Jesus e Josué podem ser resumidos nos seguintes pontos: 1) Em hebraico, ambos os nomes significam “Yahweh é salvação”. No entanto, o nome helenizado de Josué aparece como Jesus no Novo Testamento; 2) Josué conduziu o povo de Israel à terra da promessa, uma pátria terrestre (Js 1:6); Jesus nos conduz à terra eterna da promessa, a uma pátria superior, isto é, a celestial (Hb 11:16); 3) Josué conduziu o povo de Deus a descansar na terra prometida (Js 21:44; comparar com Hb 4:8); Jesus conduz o povo para um “descanso” espiritual (Hb 3 — 4) (ver NICHOL, 1978, v. 7, p. 413).

Um episódio importante da vida de Josué diz respeito à derrota em Ai, em face do pecado de Acã. Como líder de Israel, depois de Moisés, Josué orou intensamente, intercedendo pelo povo (por exemplo, Js 7:6-9). A mensagem de Deus para Josué foi: “Santifica o povo” (Js 7:13). A sequência do relato demonstra que Josué obedeceu à ordem de Deus, e trabalhou para *investigar* o pecado que havia provocado a derrota na batalha em Ai (7:16-23), e *removê-lo* do meio do arraial (7:24-26). Assim como ocorreu com Moisés, Josué também “encarnou” em sua vida atributos do ministério de Cristo.

Davi

Encontramos facilmente no Novo Testamento um entrelaçamento das histórias de Moisés, Abraão e Davi. Em Mateus, por exemplo, Jesus é apresentado como um novo e maior Moisés, conforme já foi discutido acima. Mas Ele é também, e ao mesmo tempo, Filho de Davi e Filho de Abraão (Mt 1:1). Arthur F. Glasser (2003, p. 75) explica que a história do Êxodo é o evento histórico decisivo que

faz de Moisés o elo essencial entre Abraão e Davi. As promessas foram feitas a Abraão, mas elas não se cumpriram em sua vida.

E não podemos dizer que elas se cumpriram até que Israel estivesse na terra em segurança sob o reinado de Davi. Visto que foi Davi quem conquistou um lugar (Jerusalém) para que *Yahweh* o escolhesse como habitação para seu Nome (Dt 12:11; 2Sm 5:6-12 e 1Rs 8:63).

Como tipo de Cristo, Davi carrega as marcas da realeza. Jesus é apresentado como Filho de Davi, no Evangelho de Mateus, porque Ele é retratado como Aquele que veio para inaugurar o reino de Deus, um reino marcado por justiça e equidade, no qual, diferentemente dos reinos deste mundo, há lugar para os pobres, os fracos, os cansados, os excluídos. Davi “encarnou” essa característica do Messias.

O livro de 2 Samuel 8:15 nos informa que “Davi reinou sobre todo Israel; e Davi executou *juízo e justiça a todo seu povo*” (grifo nosso). Essas marcas de seu governo fizeram com que ele fosse identificado como um tipo do Messias diversas vezes no Antigo Testamento (por exemplo, Ez 34:23; 37:21-28) (NICHOL, 1978, v. 4, p. 692; ver também RIBEIRO 2013, p. 25-37). Mark J. Boda (2007, p. 162) declara que a “uma longa linha de testemunhos proféticos destaca uma constante esperança na linha real de Davi. [...] os escritores do Novo Testamento claramente identificam Jesus como esse Messias real, em quem todas as esperanças pela linha de Davi alcançaram seu cumprimento”.

Por exemplo, em Atos 13:22, encontramos a intrigante afirmação de Paulo sobre Davi: “E, tendo tirado a este, levantou-lhes o rei Davi, do qual também, dando testemunho, disse: Achei Davi, filho de Jessé, *homem segundo o meu coração, que fará toda a minha vontade*” (At 13:22; grifo nosso). Esta é uma combinação de várias passagens do Antigo Testamento: 1Sm 13:14; Sl 89:20; Is 44:28 (NICHOL, 1978, v. 6, p. 287), as quais apontam para o fato de que Davi foi um rei escolhido por Deus.

Como rei em Israel, Davi foi sem rival. A Bíblia informa que “o Senhor dava vitórias a Davi, por onde quer que ia” (2Sm 8:14). Porém, seu governo foi distintivo não apenas pelas vitórias, mas, sobretudo, pela maneira justa com que regeu a nação (2Sm 22:21-25; 23:3). Em geral, os descendentes de Davi não seguiram seu exemplo (Jr 22:1-5, 9). No entanto, Deus suscitou um Novo Rei, para assentar-se no *trono de Davi*, de modo que o trono de Davi se torna um tipo para o reino messiânico (Is 9:7; Lc 1:32). Naturalmente, esse trono diz respeito ao reino eterno de Cristo, e não à restauração do reino de Israel. O reino de Deus é marcado por justiça e equidade (Sl 45:6; 67:4; 98:9; 99:4). E essas são as características do ministério do Messias (Is 11:4), as quais marcam seu reino eterno (Hb 1:8).

Outra maneira de identificar Davi como um tipo de Cristo diz respeito aos paralelos entre ambos. Diversos desses paralelos podem ser encontrados nos Salmos. No Salmo 22:1, Davi apresenta sua frustração por causa da ausência de respostas de Deus, mesmo em face de seus clamores (Sl 13:1-4; CONSTABLE, 2003). O autor “começa expressando o



mistério mais obscuro de seu sofrimento, ou seja, a sensação de ser abandonado por Deus.” (CRAIGIE, 2002, v. 19, p. 198). Na cruz, Jesus usa essas palavras de Davi: “*Eli, Eli, lamá sabactâni?* O que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27:46).

As palavras de Davi no Salmo 31:5 são as últimas palavras de Jesus: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!” (Lc 23:46). No Salmo 35, Davi expressa sua aflição diante de intensa perseguição. Ao longo de todo o salmo ele busca demonstrar sua inocência, o que relembra a intensa perseguição infligida a Jesus, mesmo diante de Sua inocência. O autor de Hebreus traça um paralelo entre a experiência de Davi expressa no Salmo 40:6-8 com a de Cristo (Hb 10:7-9). No Salmo 69, Davi menciona a hostilidade e perseguição sofridas em face de sua fé em Deus (verso 7). No verso quatro, ele se defende mencionando que o ódio dos inimigos é sem razão. Em João 15:25, Jesus aplica a si as mesmas palavras, bem como através da linguagem dos versos 8, 9 e 20, “Cristo predisse, por meio de Davi, o tratamento que Ele havia de receber dos homens” (ver Mt 26:56; 27:34, 48; Mc 14:50; Jo 19:29,30; ver NICHOL, 1978c, v. 3, p. 225). João também aplica as palavras do verso 9 a Cristo: “O zelo da tua casa me consumirá” (Jo 2:17). E Paulo aplicou a Cristo a segunda parte desse verso: “As injúrias dos que te ultrajavam caíram sobre mim” (Rm 15:3). Em Atos 1:16-20, Pedro traça um paralelo entre os inimigos de Davi (Sl 109) com Judas, de modo que “os inimigos do salmista real se tornaram os inimigos do Messias” (WALVOORD; ZUCK, 1983b, v. 2, p. 356).

Desse modo, os exemplos acima demonstram que diversas vezes a Bíblia apresenta que Davi “encarnou” em sua vida atributos de Cristo, e isto ocorre de diversas maneiras. À semelhança de personagens que lhe precederam, a comunhão com o Cristo pré-encarnado provocou o desenvolvimento daqueles atributos que caracterizam um missionário, assim como ocorreu com diversos outros personagens: e.g. Elias empreendeu um intenso processo de discipulado do qual Eliseu é fruto, assim como Jesus discipulou doze homens para que levassem seus ensinamentos ao mundo (1Rs 19:19-21; 2Rs 2:1-15); Eliseu ressuscitou o filho de uma pobre viúva, assim como Jesus ressuscitou o filho da viúva de Naim (1Rs 17:17-24; comparar com Lc 7:11-17); curou o leproso Naamã, assim como Jesus curou leprosos (2Rs 5:1-19; comparar com Mt 8:1-3; Mc 1:40-42; Lc 5:12-13); e multiplicou alimento duas vezes, assim como Jesus o fez (2 Rs 4:1-7, 42-44; comparar com Mt 14:13-21; 15:29-39); Oseias se casou com uma mulher de prostituições, a fim de sentir na pele o que Deus sentia em relação ao Seu povo: assim como Oseias perdoou sua infiel esposa e a recebeu de volta, assim também Deus estava disposto a perdoar o Seu povo.

Além disso, pode-se mencionar que Jeremias não pode se casar nem ter filhos, para que o povo compreendesse a seriedade da mensagem de destruição da nação (Jr 16:3-4), bem como utilizou objetos nada convencionais (Jr 27:2), a fim de impressionar de maneira mais intensa a mente do povo; Isaías andou três anos despido e descalço como um sinal contra o Egito e a Etiópia (Is 20:3); a morte da esposa de Ezequiel

foi para o povo um sinal da destruição do templo (Ez 24:16-21). Por outro lado, “a experiência de Ezequiel forçosamente imprime a lição de que engajar-se no serviço de Deus não significa imunidade contra o sofrimento e a calamidade. Às vezes, parece que os mensageiros de Deus são mais ferozmente atacados que outros que não estão ativamente engajados no trabalho cristão” (NICHOL, 1978, v. 4, p. 662).

A encarnação de Jesus e sua missão

O apóstolo João sintetiza a encarnação de Jesus nas intrigantes palavras: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1:14). O termo grego traduzido como “habitou” (*skēnoō*) vem da mesma raiz do substantivo “tabernáculo” (*skēnē*), e indica a intenção de João de relacionar a encarnação de Cristo com a construção do tabernáculo, cujo objetivo principal era a “habitação” de Deus no meio do povo. O livro de Hebreus menciona que “Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo” (Hb 2:14). Essa participação com a carne e o sangue envolveu coisas como sentir fome (Mt 21:18), sede (Jo 19:28), dormir em função do cansaço (Mt 8:24), mas também experimentar emoções como pesar, surpresa, compaixão, indignação e tristeza (Mc 3:5; 6:6, 34; 7:34; 8:12, 33; 10:14, 21).

Jesus definiu sua missão transcultural com palavras bastante claras, de modo que é impossível não compreender o que Ele veio fazer em nosso planeta: “Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido” (Mt 18:11). Sua missão envolve dois princípios absolutamente inseparáveis: o serviço e o discipulado (Mt 20:28; comparar com Mt 11:1; 24:1-3; 26:1; 28:18-20; 1 Jo 3:16).

Serviço

A *Missio Dei* está intrinsecamente ligada com o ato de enviar. O apóstolo Paulo menciona que “vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gl 4:4). Diversas vezes no Evangelho de João, Jesus se refere ao Pai como “Aquele que me enviou” (Jo 8:16, 26, 29; 12:45; 13:20; 15:21). Na profecia de Isaías, o Cristo pré-encarnado menciona “Agora, o Senhor Deus me enviou a mim e o seu Espírito” (Is 48:16).

Conforme Mateus 20:28, Jesus veio *para servir* (*diakonēsai*). Essa forma verbal grega vem do verbo *diakonēō*, que tem a mesma raiz do substantivo *diakonos*, traduzido como diácono. O serviço prestado por Jesus é apresentado no mesmo verso, a partir de outro verbo cujo tempo, modo e voz coloca-o em íntima relação com o verbo *servir*: é o verbo *dar*. Uma tradução alternativa para esse verso é: “O Filho



do homem não veio para ser servido, mas para servir, isto é, dar a vida em resgate de muitos” (ver HAGNER, 2002b, v. 33B, p. 582). Esta ideia aparece precisamente em João 3:16: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que *deu* o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). O ato do Pai de enviar Seu Filho é visto como dádiva, assim como o ato do Filho de Se entregar também o é. Esta ação de dar demonstra que a missão de Jesus não implica apenas morrer como homem, mas viver como homem. Por esta razão, os Evangelhos indicam constantemente que Ele se misturou com as pessoas a quem queria salvar.

No Evangelho de Mateus, Jesus é visto como um grande professor (Mt 7:28; 11:1; 13:53-54; 19:1; 22:16; 26:1). Em um de seus famosos discursos, o sermão da montanha (Mt 5-7), Jesus ensina qual o padrão ético e moral aprovado pelo céu. Em Mateus 5:1-2, encontramos a motivação para essa aula: “*Vendo Jesus as multidões*, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo” (Mt 5:1-2; grifo nosso).

Em Mateus 13:1-2, um barco se transforma em um púlpito, enquanto o auditório está em pé na areia da praia. Em Mateus 18:1-35, enquanto Jesus profere seu quarto discurso,⁸ (ver HAGNER, 2002a, v. 33A), ensinando aos discípulos como é a vida em comunidade em seu reino, as multidões ouvem Suas palavras (Mt 19:1-2). A expressão οἱ ὄχλοι (*hoi ochloi/as multidões*), e suas variações de casos, ocorre vinte e cinco vezes em Mateus, o que demonstra seu interesse de mostrar que o ministério de Jesus se desenvolve em meio às pessoas que Ele veio salvar.

Enquanto Mateus está mais interessado em relatar o que Jesus disse, Marcos está mais interessado em relatar o que Jesus fez. Os eventos predominam nesse evangelho, e os discursos ou são reduzidos (Mt 24; ver Mc 13) ou não existem (Mt 5-7). A narrativa é dinâmica, com um largo uso do termo εὐθύς (*euthys/imediatamente*), o qual ocorre 41 vezes, mais do que em todo o restante do Novo Testamento (10 vezes). O uso desse termo, quando associado às ações de Jesus, demonstra o interesse de Marcos em mostrar que Jesus não apenas agiu, mas agiu com rapidez (por exemplo, Mc 1:10, 43; 2:12; 5:30; 6:50). Além disso, em Marcos, Jesus não apenas se mistura com as pessoas, Ele toca nelas e é tocado por elas. O Seu toque trouxe cura a um leproso (1:41); uma mulher que sofria há doze anos com uma hemorragia, tocou-lhe a veste (1:27), e “imediatamente (*euthys*) se lhe estancou a hemorragia” (1:29); Ele tocou a mão de uma menina que havia acabado de morrer, e lhe ordenou que voltasse à vida (1:41), e “imediatamente a menina, que tinha doze anos, levantou-se e começou

.....

⁸ O Evangelho de Mateus está organizado em cinco grandes discursos de Jesus. A intenção do autor é traçar um paralelo entre Jesus e Moisés. Assim como Moisés escreveu cinco livros que compõem a porção bíblica a qual chamamos de Pentateuco, Jesus prega cinco grandes sermões em Mateus.

a andar” (1:42); Ele tocou os ouvidos e a língua de um homem surdo e gago (7:33), e “abriram-se-lhe os ouvidos, e logo (*euthys*) o impedimento da língua se desfez, e falava perfeitamente” (7:35); O toque de Jesus se transforma em algo que as multidões buscam com tamanha avidez, que “onde quer que ele entrava, em cidades, aldeias ou campos, colocavam os enfermos nas praças. Rogavam-lhe que ao menos os deixasse *tocar* na orla da sua veste, e todos os que a *tocavam* saravam-se” (6:56).

No Evangelho de Lucas, Jesus está envolvido com todas as classes de pessoas: samaritanos (9:51 — 56, 10:30 — 37, 17:11 — 19), gentios (2:32, 3:6, 38, 4:25 — 27, 7:9, 10:1, 13:29, 21:24, 24:47), judeus (1:33, 54, 68 — 79, 2:10), publicanos, pecadores e proscritos (3:12, 13, 5:27 — 32, 7:37 — 50, 15:1, 2, 11 — 32, 18:9 — 14, 19:2 — 10, 23:43), fariseus (7:36, 11:37, 14:1), pobres (1:53, 2:7, 8, 24, 4:18, 6:20, 21, 7:22, 14:13, 21, 16:20, 23), ricos (19:2, 23:50), mulheres (Isabel, Maria, a profetisa Ana, a viúva de Naim, Maria Madalena, Joana, Susana, as filhas de Jerusalém e muitas viúvas, ver 2:37; 4:26; 7:12; 18:3; 21:2), crianças (18:15-17). Em seu evangelho, Lucas busca enfatizar um Jesus acessível a todos (PLUMMER, 1896), e que serve a todos (Lc 22:27). No livro de Atos, ele demonstra que essa acessibilidade e serviço deve ocorrer por meio dos seguidores de Jesus.

28

No Evangelho de João, encontramos um exemplo da disposição de Jesus para o serviço, o qual não encontramos nos evangelhos sinóticos. Ele é o único que relata a experiência do lava-pés (Jo 13:4-5). Nesse evangelho, Jesus realiza exatamente sete grandes milagres (PAULIEN, 2004): 1) a transformação da água em vinho (2:1-11); 2) a cura do filho do oficial do rei (4:46-54); 3) a cura do paraplético de Betesda (5:1-18); 4) a multiplicação dos pães (6:1-15); 5) o caminhar sobre as águas (6:16-21); 6) a cura do cego de nascença (9:1-41) e 7) a ressurreição de Lázaro (11:1-57). O fato de os milagres mencionados no quarto evangelho aparecerem em número de sete, parece ser uma evidência do desejo de João de mostrar o caráter perfeito da obra de Jesus. Desse modo, o Verbo encarnado não veio ao mundo simplesmente para prestar um serviço à humanidade. Ele veio ao mundo para prestar à humanidade um serviço perfeito.

Na linguagem de Paulo, Cristo veio ao mundo para servir a humanidade caída: “antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens” (Fp 2:7), e o seu serviço diz respeito ao empreendimento divino de salvar a humanidade. Encontramos nesse verso, duas orações participais que explicam o “esvaziamento” de Cristo. Ele esvaziou-se (1) assumindo a forma de servo e (2) tornando-se semelhante aos homens. A expressão “forma de servo” encontrada na primeira oração participial pode significar algo semelhante ao que encontramos em Galatas 5:13, em que Paulo ordena que os irmãos sirvam uns aos outros em amor, demonstrando, em ambos os casos, que o serviço ao outro é a mais profunda expressão de amor. Porém, o mais provável é que o background de Paulo seja o Servo do Senhor de Isaías 42-53. A segunda oração participial lança luz sobre a



primeira, i.e., tornar-se homem foi o maior serviço que Cristo prestou à humanidade (FEE, 2007, p. 387). E isto precisamente porque, uma vez tendo se misturado com os homens, Ele pode compadecer-se de suas fraquezas (Hb 4:15).

Discipulado

Jesus empreendeu um intenso processo de discipulado durante seu ministério terrestre. Em Mateus 10, podemos encontrá-lo assentado com os discípulos em árduo treinamento. Após concluir uma aula teórica, Ele saiu com os discípulos para uma aula prática (Mt 11:1 ver também 12:1). O discurso registrado em Mateus 18 é motivado por uma pergunta formulada pelos discípulos (v. 1). A interação entre Jesus e os discípulos durante essa aula pode ser vista a partir da intervenção de Pedro (v. 21), a fim de saber quantas vezes deveria perdoar o próximo. A resposta de Jesus veio na forma de uma ilustração por parábola. Em Mateus 24, outra pergunta formulada pelos discípulos dá início a um novo discurso (v.3). Essa pergunta, porém, é motivada por uma ação instigadora de Jesus, ao formular um comentário perturbador sobre o templo: “não ficará aqui pedra sobre pedra, que não seja derrubada” (v. 2). O comentário aguçou a curiosidade dos discípulos, e preparou seu coração para que fossem ensinados não apenas a respeito da destruição de Jerusalém, mas, sobretudo, sobre cenas que se desdobrariam antes da segunda vinda de Jesus.

No Evangelho de Marcos, encontramos fortes declarações sobre o custo do discipulado. O preparo espiritual para a missão de Jesus envolveu uma renhida prova no deserto, durante quarenta dias, vivendo entre feras, mas servido por anjos (Mc 1:12-13); a incompreensão é um duro quinhão a enfrentar constantemente (Mc 3:21-30, 31, 34-35); a renúncia de si mesmo é algo necessário no processo, mas também há recompensas, apesar das perseguições (Mc 10:29-30); finalmente, o discipulado pode levar ao martírio (Mc 10:33-34, 45). Uma vez que o servo não é maior do que o seu senhor (Jo 13:16; 15:20), os seguidores de Jesus também passam pelo sofrimento, e, não raro, enfrentam a morte.

A própria estrutura do Evangelho de Marcos demonstra o interesse do autor em demonstrar que Jesus estava engajado no treinamento dos discípulos para o cumprimento da missão. O livro está dividido em duas partes: primeira (1:1 — 8:30); segunda (8:31 — 16:20). Cada uma das partes está dividida em três seções, de modo que o livro inteiro está organizado em seis grandes seções (1:16 — 3:12; 3:13 — 6:6; 6:7 — 8:30; 8:31 — 10:52; 11:1 — 14:11; 14:12 — 16:11), além da introdução (1:1-15) e conclusão (16:12-20). Cada seção se abre com uma cena de interação entre Jesus e os discípulos. Na primeira, Jesus chama os primeiros discípulos (Mc 1:16-20); na segunda, Jesus nomeia os doze (Mc 3:13-19); na terceira, Jesus envia os doze a uma missão (Mc 6:7-13); na quarta (já na segunda parte do livro), Jesus fala aos discípulos sobre os

seus sofrimentos (Mc 8:31); na quinta, Jesus envia dois discípulos para preparar sua entrada triunfal em Jerusalém (Mc 11:1-4); na sexta, Jesus celebra a última ceia com os discípulos (Mc 14:12-26; ver GUELICH, 2002, v. 34). Desse modo, o Evangelho de Marcos demonstra que o ministério de Jesus estava pautado num intenso processo de discipulado. Não importa o que acontecesse, Ele jamais tirou os discípulos de cena.

No entanto, em relação ao processo de discipulado, nada é mais urgente nas palavras de Jesus do que a injunção: “fazei discípulos” (Mt 28:18-20). Na conclusão de cada evangelho encontramos um chamado à missão. Denominamos esse chamado de a Grande Comissão. E ela é Grande, porque, conforme afirma Ellen G. White (2000, p. 822), Jesus incluiu todos os crentes até o fim dos tempos.

Conforme Herbert Kiesler declara, há, em Mateus 28:18-20, uma tríplice ordem: “1) ir e fazer discípulos de todas as nações; 2) batizá-los em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; e 3) e ensinar-lhes a guardar tudo o que Ele lhes ordenou”. (KIESLER, 2011, p. 648). O texto grego de Mateus 28:18-20 é bastante instrutivo. O único verbo no imperativo é *fazer discípulos* (*mathēteuō*). Os demais verbos estão no particípio, e, por esta razão, subordinados ao verbo principal no imperativo. Desse modo, uma tradução alternativa é: “fazei discípulos, indo, batizando e ensinando”.

O verbo traduzido como *ir* pode muito bem ser traduzido como *enquanto vós ides*, ou à *medida que vós ides*, *fazei discípulos*. Nesse sentido, *fazer discípulos* se apresenta como um estilo de vida; algo que fazemos por onde passamos. Isto significa que podemos fazer discípulos no trabalho, na escola, nos momentos de recreação, nos encontros familiares etc. Para tanto, nós batizamos as pessoas e lhes ensinamos as ordens de Jesus. É importante ressaltar que os verbos não estão colocados em ordem cronológica, ou seja, primeiro batizamos e depois ensinamos. No processo do discipulado, o ensino é algo que deve ocorrer antes e depois do batismo. O novo discípulo deve agora formar outro discípulo, que, por sua vez, deve formar outro, que deve formar outro, indefinidamente.

Assim como aconteceu em Mateus 28:19, onde o verbo *ir* exprime um estilo de vida expresso na ordem *fazei discípulos*, o mesmo ocorre em Marcos 16:15. De fato, a forma verbal grega é exatamente a mesma em ambos os casos. Esta afirmação pode parecer desnecessária para alguém que não conheça a língua grega; porém, aqueles que tiveram algum contato com essa língua sabem que um verbo no particípio grego, diferentemente da língua portuguesa, pode apresentar diversas formas. No caso de Mateus 28:19 e Marcos 16:15, o verbo *ir* está em um tempo verbal que não existe na língua portuguesa, o qual chamamos de aoristo, e que possui diferentes maneiras de se comportar. Nessas passagens, o verbo não é utilizado com o objetivo de destacar o início ou o fim da ação, mas a ação como um todo (ver DEMOSS, 2004, p. 260). Nesse sentido, a ênfase da frase não é quando começa ou termina a ação, mas a necessidade de executá-la a todo instante. Ademais, embora o verbo *ir* não esteja no



imperativo, ele possui a força de um imperativo, tendo em vista que está subordinado ao verbo imperativo da oração principal tanto em Mateus 28:19 quanto em Marcos 16:15. (HAGNER, 2002b, v. 33B, p. 886). Sem a ação de *ir*, não há proclamação. Nesse sentido, a ação de *ir* é tão compulsória quanto a ação de *fazer discípulos*.

Quando observamos o Novo Testamento, percebemos que os apóstolos aprenderam com Jesus como desenvolver de maneira eficaz o serviço e o processo de discipulado, os quais estão intrinsecamente ligados. Eles se misturaram com as pessoas de tal modo que os encontramos frequentemente entre as multidões (por exemplo, At 5:12; 11:26; 14:1, 14; 15:12; 17:4); passaram sofrimento (At 16:22-23; 2 Co 11:16-12:10 etc.), mas também aliviaram o sofrimento alheio (At 5:15-16); desenvolveram o ministério do ensino (At 19:9), e empreenderam um vigoroso trabalho de discipulado, a exemplo de Paulo que

tornou parte de sua obra o educar moços para o ministério evangélico. Levava-os consigo em suas viagens missionárias, e assim adquiriram uma experiência que os habilitou mais tarde a ocupar posições de responsabilidade. Deles separado, conservou-se em contato com sua obra, e suas cartas a Timóteo e a Tito são uma demonstração de quão profundo era seu desejo de que fossem bem-sucedidos (WHITE, 1993, p. 102).

31

Finalmente, à semelhança de Seu mestre, eles também foram martirizados pelos seus inimigos: ver Estêvão (7:54-60); Pedro (Jo 21:18-19; ver NICHOL, 1978, v. 5, p. 1072). Tiago, irmão de João (At 12:2); Paulo (2 Tm 4:6), e tantos outros (Hb 11:37; Ap 6:9-10). Conforme declara Dietrich Bonhoeffer, “o discípulo é arrancado de sua relativa segurança de vida e lançado à incerteza completa [...]. O discipulado é comprometimento com Cristo; por Cristo existir, tem que haver discipulado” (BOENHOEFFER, 2004, p. 21). Esse chamado se estende a todos os que estão dispostos a levar a cruz de Cristo. De fato,

a cruz é imposta a cada crente. O primeiro sofrimento com Cristo, ao qual ninguém escapa, é o chamado que nos chama para fora das vinculações com o mundo. É a morte do velho ser humano no encontro com Jesus Cristo. Quem entra no discipulado entrega-se à morte de Jesus, expõe sua vida à morte (BOENHOEFFER, 2004, p. 46).



Por esse viés, tendo em vista que as condições do discipulado envolvem renúncia (Mt 16:24; Lc 14:26, 33); permanência em Cristo (Jo 8:31); frutos (Jo 15:18); e, conforme foi visto acima, sofrimento e morte, a Grande Comissão de Mt 28:18-20, em última instância, é mais do que um chamado para fazer discípulos — indo, ensinando e batizando —, mas um chamado para ser semelhante a Cristo. Em outras palavras, é um chamado para “encarnar” as características do próprio ministério de Cristo, mistério e modelo da missão.

Referências

AGUIAR, A. T. **O evangelho de Tiago: sabedoria e piedade em favor dos pobres**. Santo André: Academia Cristã, 2014.

BEASLEY-MURRAY, G. R. **Word Biblical Commentary**: John. Dallas: Word Inc., 2002. v. 36.

32 BODA, M. J. **After God's Own Heart: the gospel according to David**. Phillipsburg: P&R Publishing, 2007.

BOENHOEFFER, D. **Discipulado**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2004.

BOICE, J. M. **The minor Prophets: an expositional commentary**. Grand Rapids: Baker Books, 2002.

BUTLER, T. C. **Word Biblical Commentary**: Joshua. Dallas: Word Inc., 2002. v. 7.

CONSTABLE, T. **Tom Constable's Expository Notes on the Bible**. [s. l.]: Galaxie Software, 2003.

CORWIN, G. R.; MCGEE, G. B.; MOREAU, A. S. **Introducing World Missions: a biblical, historical, and practical survey**. Grand Rapids: Baker Academic, 2004.

CRAIGIE, P. C. **Word Biblical Commentary**: Psalms 1-50. Dallas: Word Inc., 2002. v. 19.

DAVIDSON, R. M. **Typological Structures in the Old and New Testaments**. Tese (Doutorado) - Andrews University Adventist Theological Seminary. Silver Springs, 1981.



_____. Tipologia no livro de Hebreus. In: HOLBROOK, F. B. (Ed.). **A luz de Hebreus: intercessão, expiação e juízo no santuário celestial**. Engenheiro Coelho: Unaspres - Imprensa Universitária Adventista, 2009.

DEDEREN, R. **Handbook of Seventh-Day Adventist Theology**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2001. v. 12.

DEMOSS, M. S. **Dicionário gramatical do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2004.

FEE, G. D. **Pauline Christology: an exegetical-theological study**. Peabody: Hendrickson Publishers, 2007.

GAGE, W. A. **Theological Poetics: typology, symbol and the Christ**. Fort Lauderdale: St. Andrews, 2010.

GARRETT, D. A. **Hosea, Joel**. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1997. v. 19A.

GLASSER, A. F. **Announcing the Kingdom: the story of god's mission in the bible**. Grand Rapids: Baker Academic, 2003.

GUELICH, R. A. **Word Biblical Commentary: Mark 1-8:26**. Word Biblical Commentary. Dallas: Word Incorporated, 2002. v. 34a.

GULLEY, N. R. Trinity in the Old Testament. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 17, n. 1, p. 80-97, Spring 2006. Disponível em: bit.ly/25w7HQ8.< Acesso em: 02 de maio de 2016.

HAGNER, D. A. **Word Biblical Commentary: Matthew 1-13**. Dallas: Word Inc., 2002a. v. 33A.

_____. **Word Biblical Commentary: Matthew 14-28**. Dallas: Word, Incorporated, 2002b. v. 33B.

JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R.; BROWN, D. **A commentary, critical and explanatory, on the Old and New Testaments**. On spine: critical and explanatory commentary. Oak Harbor: Logos Research Systems, Inc., 1997.

JOHANSSON, W. G. A vitória dos santos no tempo do fim. In: SHEA, W. H. (Ed.). **Estudos sobre apocalipse: temas gerais e exegéticos**. Engenheiro Coelho: Unasp- Imprensa Universitária Adventista, 2014.

KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. **Commentary on the Old Testament**. Peabody: Hendrickson, 2002. v. 1.

KIESLER, H. As ordenanças: batismo, lava-pés e ceia do Senhor. In: DEDEREN, R. (Ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

KISSLING, P. J. **The College Press NIV commentary: Genesis**. Joplin: College Press Publishing Company, 2004.

KITTEL, G.; FRIEDRICH, G.; BROMILEY, G. W. **Theological dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 1995.

34 LANGE, J. P.; SCHAFF, P.; LEWIS, T.; GOSMAN, A. **A commentary on the Holy Scriptures: genesis**. Bellingham: Logos Research Systems Inc., 2008.

MILGROM, J. **The JPS Torah commentary: Numbers**. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1990.

MILLS, M. **A Study Guide to the Book of Genesis**. Dallas: 3E Ministries, 1999.

MORRIS, L. **The Epistle to the Romans**. England: W.B. Eerdmans, 1988.

NICHOL, F. D. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers and Deuteronomy**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1978. v. 1.

_____. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary: Joshua, Judges, Ruth, 1 Samuel, 2 Samuel, 1 Kings and 2 Kings**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1978. v. 2.

_____. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary: 1 Chronicles, 2 Chronicles, Ezra, Nehemiah, Esther, Job, Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, And Song Of Solomon**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1978. v. 3.



_____. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary:** Isaiah, Jeremiah, Lamentations, Ezekiel, Daniel, Hosea, Joel, Amos, Obadiah, Jonah, Micah, Nahum, Habakkuk, Zephaniah, Haggai, Zechariah. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1978. v. 4.

_____. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary:** Matthew, Mark, Luke, and John. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1978. v. 5.

_____. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary:** Acts, Romans, 1 Corinthians, 2 Corinthians, Galatians and Ephesians. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1978. v. 6.

_____. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary:** Philippians, Colossians, 1 Thessalonians, 2 Thessalonians, 1 Timothy, 2 Timothy, Titus, Philemon, Hebrews, James, 1 Peter, 2 Peter, 1 John, 2 John, 3 John, Jude, and Revelation. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1978. v. 7.

PAULIEN, J. **The Deep Things of God.** Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2004.

35

PLUMMER, A. **A critical and exegetical commentary on the Gospel According to S. Luke.** London: T&T Clark International, 1896.

RIBEIRO, F. G. A identidade do Pastor Davi em Ezequiel 34:23. **Revista Hermenêutica**, v. 13, n. 2, p. 25-37, 2013.

ROBERTSON, A. **Word Pictures in the New Testament.** Sunday school Board of the Southern Baptist Convention. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1932. v. 5.

_____. **Word Pictures in the New Testament.** Sunday school Board of the Southern Baptist Convention. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1933. v. 6.

SIMEON, C; CLAUDE, J. **Horae Homileticae:** numbers to Joshua. London: Henry G. Bohn, York Street, Covent Garden, 1855. v. 2.

STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ:** commentary on the book of Revelation. Berrien Springs: Andrews University Press, 2009.



STEFANOVIC, Z. **Daniel: wisdom to the wise: commentary on the book of Daniel.** Oshawa: Pacific Press Publishing Association, 2007.

STUART, D. **Word Biblical Commentary: Hosea-Jonah.** Dallas: Word, Inc., 2002. v. 31.

SPENCE, H. D. M.; EXELL, J. S. (Eds.). **The pulpit commentary: Joshua.** Bellingham: Logos Research Systems, Inc., 2004.

TRENT, K. E. **Types of Christ in the Old Testament: a conservative approach to Old Testament typology.** Bloomington: CrossBooks, 2010.

WALVOORD, J. F., ZUCK, R. B., & Dallas Theological Seminary. **The Bible knowledge commentary: an exposition of the scriptures.** Wheaton: Victor Books, 1983a. v. 1.

_____. **The Bible knowledge commentary: an exposition of the scriptures.** Wheaton: Victor Books, 1983b. v. 2.

WENHAM, G. J. **Word Biblical Commentary: Genesis 1-15.** Dallas: Word, 2002a. v. 1.

_____. **Word Biblical Commentary: Genesis 16-50.** Dallas: Word Inc., 2002b. v. 2.

WHITE, E. G. **Patriarcas e profetas.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. **Atos dos apóstolos.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

_____. **O Desejado de todas as nações.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

_____. **Obreiros evangélicos.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1993.